

Educação Por onde se começa

Diversas revistas e jornais vêm apresentando a vida em condomínios fechados como símbolo da modernidade brasileira. A proteção contra a violência urbana e a qualidade da vida fechada estão hoje presentes nas notícias e nos sonhos das classes rica e quase-rica do Brasil, no rumo ao que seriam as características da vida moderna. Esquecem; nesta caracterização, que os condomínios já existiam na Idade Média, sob a forma das muralhas dos castelos, onde os nobres viviam protegidos contra a turba. Ao defenderem os condomínios como símbolo do moderno, estão defendendo uma modernidade arcaica.

Como é arcaica a modernização de uma indústria que só dispõe de mercado se a renda da sociedade for concentrada; de uma agricultura voltada para a exportação, em um país subnutrido; de megalópoles que são incapazes de oferecer os serviços para os quais elas deveriam existir; ou de um sistema de transporte privado em que o usuário passa mais tempo em engarrafamentos do que se tudo fosse organizado sob a forma de transporte coletivo.

O que repugna ao ler o discurso dos neomodernistas liberais brasileiros é o cinismo com que eles denunciam o desastre e a estatização atual, como se nenhuma culpa tivessem, apesar de durante 25 anos terem dominado todas as decisões do país, implantado todas as estatais e as colocado a serviço desta modernida-

de. Mas o que horroriza é perceber a natural aceitação de um tipo de modernidade antiquada. Uma sociedade que deseja ser moderna tem que pelo menos ter a lucidez de definir com atualidade o conceito da modernidade que deseja.

É óbvio que o Brasil é um dos mais atrasados países do mundo. Mas não porque seus automóveis sejam superados, e sim porque o sistema de transporte não funciona. Não porque sua agricultura é primitiva, e sim porque sua população é desnutrida. Não porque os condomínios ainda são poucos, e sim porque as favelas são muitas. O que faz o Brasil não contemporâneo às conquistas do mundo não é apenas a falta de ciência e tecnologia, mas sobretudo o fato de que a ciência e a tecnologia de que dispõe não têm sido utilizadas para fazer o Brasil moderno, e têm inclusive servido para fazê-lo regredir socialmente.

O Brasil tentou avançar na modernização, sem ter dado o seu primeiro passo: a educação de sua população. Mesmo quando tenta investir em educação, o governo o faz sob a forma de pacotes, preocupado com o analfabetismo, com as mensalidades ou com as vagas ociosas das universidades. Esquece que o analfabetismo de adultos é consequência da pobre educação de base das crianças e jovens. Que o problema das mensalidades é insuperável, se não houver uma escola pública gratuita de qualidade para todos. Que as vagas das universidades não vêm do elitismo destas, mas

do baixo aproveitamento no ensino do segundo grau.

O primeiro passo da modernização é um programa amplo, abrangente, global de educação de toda a população. Inclusive aqueles que pensam ser educados.

Para tanto, o país tem que começar redefinindo seus objetivos e pondo no primeiro lugar a meta de uma população sem analfabetos, que complete o segundo grau, que ingresse na universidade de qualidade. Uma população que saiba compreender o mundo e que saiba definir o resto dos itens que comporão o seu futuro. Uma população capaz de definir modernamente, com soberania e competência, o que entende por ser moderno.

O Brasil é um dos piores países do mundo, segundo todos os indicadores internacionais, em matéria de educação. E, o que é mais grave do ponto de vista ético, o único dos piores que tem todas as condições de superar este problema. O Brasil dispõe de um idioma unificado, de uma indústria, de um sistema de telecomunicações, de uma massa crítica de profissionais que, se canalizados corretamente, podem em dois a cinco anos implantar a estrutura necessária para superar esta realidade catastrófica.

Para tanto, é preciso redefinir nossas prioridades e sem preconceitos partidários enfrentar, com um século de atraso, a tarefa de implantar um sistema educacional para todos.